

Ana Tércia Rosa Alves<sup>1</sup>

## AS ASAS DE PÉGASO

Durante a era de ouro  
Muitos heróis existiram  
Condecorados com louro  
Monstros terríveis feriram!  
Glória é o grande tesouro  
De seu dever, não fugiram

Canto ao herói de Corinto  
Que viveu há tanto tempo  
O seu nome hoje é um mito  
Sua lenda é um passatempo!  
Porém, tenha o entendimento  
Não caiu no esquecimento

Corinto era Éfire chamada  
O ardiloso Sísifo governava  
E Eurínome foi abençoada  
Pois deusa Atena a motivava  
Com Glauco estaria casada  
Era o que a deusa desejava

De Sísifo, Glauco descendia  
Um príncipe muito gentil!  
Mas o ardiloso rei sofria  
Castigos no tártaro vil!  
E o casal desconhecia  
O outro castigo sutil

Os ardis do esperto Sísifo  
A Zeus muito irritou  
A descendência do rei rico

---

<sup>1</sup> Psicóloga. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Especialista em Psicologia Hospitalar pelo Centro Universitário União das Américas; Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Jataí. E-mail: [ana.tercia@ufms.br](mailto:ana.tercia@ufms.br). ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-1319-2642>.

O deus assim eliminou  
Por causa desse castigo  
Estéril Glauco ficou

Eurínome era muito bela  
Aos deuses servia devota  
Poseidon quis unir-se a ela  
Que o aceitou sem demora  
Um filho no ventre dela  
Fruto da união que aflora

Nasceu assim Belerofonte  
Que honrava a casa de Glauco  
Seu sangue vinha de outra fonte  
De um deus, para ser exato  
Belo, inteligente e forte  
E sempre muito sensato

Quando a maioria chegou  
O príncipe sofreu um tormento  
Um grave acidente ocasionou  
E um jovem morreu no momento  
Ensanguentada a sua mão ficou  
E a pureza voou com o vento

Ao exílio foi condenado  
Purificação era necessária  
Buscou-se um rei bem-amado  
Sem purificação, ele era um pária!  
Só após o sacrifício adequado  
Retornaria à amada pátria

Em Tirinto o rei Proito vivia  
E ao nosso herói recebeu  
Melhor anfitrião não havia  
A purificação aconteceu  
Mas sua beleza a rainha via  
A harmonia da casa morreu

O desejo consumiu a rainha  
Que seduzir o herói tentou

Sabia ele que não convinha  
Trair quem o purificou  
Sua negação ofendeu a rainha  
A rejeição ela não aceitou

Maldade invadiu o coração  
Um plano vingativo forjou  
Disse ao marido uma ilusão  
De estupro ao herói acusou  
O rei irou-se com emoção  
E a morte do herói desejou

Proito conhecia as leis  
Matar o herói não podia  
Hospitalidade acima dos reis  
Respeito ao hóspede devia  
Enviou-o à Lícia de vez  
O rei dali o conhecia

Iobates era sogro de Proito  
E a Lícia governava em paz  
Recebeu o herói com bom gosto  
Pois ignorava o pedido tenaz  
Com banquetes recebeu o moço  
E viu como o herói era audaz

Quando soube da acusação  
Desejou matá-lo também  
Aflito ficou seu coração  
Da hospitalidade era refém!  
Não podia matá-lo com sua mão  
Deveria maquinar muito além

Enfrentar a terrível Quimera  
Iobates ao herói obrigou  
Ela era uma temível fera  
Ninguém nunca a derrotou!  
Morreria assim sem espera  
Foi isso que o rei pensou

Até Peirene o herói andou

Fonte de beleza incomum!  
E ali um cavalo encontrou  
Igual a ele não há algum  
Com belas asas ele voou  
Solitário, era apenas um

O cavalo o herói desejou  
Pois suas asas o ajudariam  
Quimera era terrestre, observou  
E do alto eles a atacariam!  
Como salvar-se planejou  
Derrotá-la conseguiriam

Mas o cavalo era selvagem  
Agressivo ele o encontrou  
Tentou domá-lo com coragem  
Mas nem sequer o tocou  
Adormeceu com a sua imagem  
Desiludido, p'ra Morfeu passou!

Seus sonhos Atena invadiu  
Ajudá-lo, ela desejava  
Sacrifício a Poseidon pediu  
Entregou-lhe uma rédea encantada  
O cavalo que uma vez foi hostil  
Não fugiria, Palas assegurava

Sem demora, o herói acordou  
E ergueu um altar para a deusa  
E ao seu divino pai sacrificou  
Um touro de muita beleza  
Até Peirene ele retornou  
Atrás da primeira proeza

O alazão continuava hostil  
Quis fugir com violência  
Mas a rédea ele não previu  
Atuou o herói com sapiência  
No momento em que a rédea agiu  
O cavalo amansou com premência

A união entre herói e cavalo  
Era maior do que imaginava  
Seu irmão era o animal alado  
O mesmo pai compartilhava  
“Pégaso” era assim nomeado  
Poseidon dele cuidava

Irmãos uma vez unidos  
Partiram para a proeza  
Quimera com grandes rugidos  
Derrotariam com destreza  
Com lança estavam munidos  
A usariam com esperteza

Do alto lançaram a arma  
Com dor o monstro ficou  
Embora iria sua alma  
Sua vida ali encerrou  
O herói olhou-a com calma  
Três cabeças ele matou!

Depois de feita a proeza  
Alegre à Lícia voltou  
Livre estava, certeza  
Mas o rei não o liberou  
Para completa pureza  
Outro trabalho ordenou

Contra os Sólimos lutaria  
Guerreiros de sangue valente  
Contra vários, morreria  
Nisso pensava somente  
O rei não imaginaria  
Que o herói era diferente

Com proteção dos deuses  
E ajuda do irmão alado  
Dominou a todos eles  
Isso não era esperado  
Mortos estavam aqueles  
Foram todos derrotados!

Depois de feita a proeza  
Alegre à Lícia voltou  
Livre estava, certeza  
Mas o rei não o liberou  
Para completa pureza  
Outro trabalho ordenou

Contra Amazonas lutaria  
Guerreiras de sangue valente  
Contra várias, morreria  
Nisso pensava somente  
O rei não imaginaria  
Que o herói era diferente

As nobres filhas de Ares  
Pelearam bravamente  
Contra os filhos dos Mares  
Lutaram igualmente  
Delas chegaram os pesares  
E perderam lentamente

Ao saber do novo feito  
Iobates então tramou  
Uma armadilha sem defeito  
Com amigos arquitetou  
Queriam atacar o eleito  
Covardemente maquinou

Com Pégaso ajudando  
Belerofonte escapou  
Como se tivesse brincando  
A todos ele matou!  
Não havia mais engano  
Sua divindade, o rei notou

Iobates enfim compreendeu  
Que inocência o herói tinha  
Muitos presentes lhe deu  
Até a filha que mantinha  
A Filônoe recebeu

Bela como as divinas!

Para sua amada pátria  
Belerofonte enfim retornou  
Era um herói, não mais um pária  
E todo povo o admirou!  
Sua fama foi até a Cária  
Seus feitos imortalizou

Anos de felicidade teve  
Um reino ele governou!  
A bela esposa manteve  
E filhos com ela criou  
Amou-os como se deve  
Como ele, ninguém reinou!

Mas a vida humana é sofrida  
A felicidade não é eterna  
Tristeza vem à nossa vida  
Nem o herói escapou desta  
Grande foi a sua ferida  
Lágrimas vieram por ela

Quando a velhice chegou  
Sofreu a grande tristeza  
Dos três filhos que amou  
Dois perdeu com frieza  
Tânatos suas almas ceifou  
Perdeu sua maior riqueza!

Sem seu amado tesouro  
Vagou sozinho em Aléia  
Ignorou os deuses em choro  
Não queria mais plateia  
Não havia mais decoro  
Termina assim sua odisseia

Cantei ao herói de Corinto  
Que viveu há tanto tempo  
O seu nome hoje é um mito  
Sua vida é um grande exemplo!

Sua lenda, apesar do lamento,  
É um eterno firmamento!

**Data de submissão:** 30/09/2024

**Data de aceite:** 09/04/2025